



FUNDAÇÃO

LUSO-AMERICANA

O MAR
NA HISTÓRIA, NA ESTRATÉGIA
E NA CIÊNCIA

O MAR
NA HISTÓRIA, NA ESTRATÉGIA
E NA CIÊNCIA

*III Fórum Açoriano
Franklin D. Roosevelt*

Ilha do Faial, Açores
27, 28 e 29 de Abril de 2012

Coordenação
MÁRIO MESQUITA
PAULA VICENTE

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIII

ÍNDICE

Nota: no caso dos autores de expressão portuguesa, respeita-se a versão ortográfica de sua escolha.

© 2013, FLAD e Edições tinta-da-china, Lda.

FLAD — Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento
Rua do Sacramento à Lapa, 21
1249-090 Lisboa | Portugal
www.flad.pt

Edições tinta-da-china
Rua João de Freitas Branco, 35 A
1500-627 Lisboa | Portugal
Telfs.: + 351 21 726 9028 / 9 | Fax + 351 21 726 9030
www.tintadachina.pt

Título: *O Mar na História, na Estratégia e na Ciência*
III Fórum Açoriano Franklin D. Roosevelt
Coordenadores: Mário Mesquita e Paula Vicente
Autores: AAVV
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Junho de 2013
ISBN 978-972-8654-54-2 [FLAD]
ISBN 978-989-671-155-9 [Tinta-da-china]
Depósito legal 359588/13

PREFÁCIO

O mar como âncora do conhecimento e do desenvolvimento

MARIA DE LURDES RODRIGUES II

INTRODUÇÃO

Horta: a cidade celebrada no «Fourth of July»

JOÃO CASTRO 17

O legado de Roosevelt: o passado e os desafios do presente

CARLOS CÉSAR 21

A primeira fronteira externa do espaço comunitário

JORGE DE MEDEIROS 29

Franklin D. Roosevelt and the sea: from the Atlantic to the Pacific

CYNTHIA M. KOCH 35

Mar-Portugal

MANUEL PINTO DE ABREU 45

OS OCEANOS

NA PERSPECTIVA HISTÓRICA

De ontem e hoje a amanhã, o mar

ÁLVARO MONJARDINO 53

Franklin Roosevelt's maritime heritage

FREDERIC DELANO GRANT, JR. 57

A relevância estratégica dos Açores em documento de 1817:

a visão do major-engenheiro Borges da Silva

RICARDO MANUEL MADRUGA DA COSTA 69

A baleia dos ares: os clippers da Pan American e a cidade da Horta no decurso da Segunda Guerra Mundial

CARLOS RILEY 85

O Atlântico na época dos Dabneys e dos Cantos

MARIA FILOMENA MÓNICA 103

A EMIGRAÇÃO AÇORIANA
NO PACÍFICO: CALIFÓRNIA

Pelo mar, em baleeiras, à demanda do El Dorado:

Os portugueses/açorianos na costa do Pacífico dos Estados Unidos

ANTÓNIO GOULART 113

Portuguese farmers and politicians in the San Joaquin Valley of California

ALVIN R. GRAVES 133

Molded by the sea: The Portuguese community of San Diego

IDALMIRO FERREIRA DA ROSA 155

OCEANOS E CIÊNCIA

A Universidade dos Açores e a cooperação internacional

LUÍS ANDRADE 181

Ciência e recursos naturais debaixo do mar profundo

FERNANDO J.A.S. BARRIGA 187

O mar como desafio para a unidade das ciências

VIRIATO SOROMENHO-MARQUES 197

The role of the social sciences in ocean policy

MICHAEL K. ORBACH 203

Letters to Heber Hall

FRANKLIN D. ROOSEVELT 211

O mar dos Açores: diversidade de habitats

RICARDO SERRÃO SANTOS 215

PERSPECTIVA ESTRATÉGICA

International cooperation on the sea

ALLAN J. KATZ 225

O mar na política externa portuguesa

ANTÓNIO DE ALMEIDA RIBEIRO 233

O mar como espaço de afirmação estratégica

ANTÓNIO MENDES CALADO 241

O mar: de espólio do passado a promotor do futuro

AVELINO DE FREITAS DE MENESES 251

FDR 2012: A “new deal” for today’s challenges

ANTÓNIO CABRAL 269

Fairness and efficiency

BARNEY FRANK 277

OS OCEANOS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Os oceanos nas políticas públicas

MÁRIO RUIVO 291

Portugal: país-arquipélago

ANTÓNIO COSTA SILVA 295

Os Açores e a nova fronteira de Portugal no século XXI

JOSÉ FÉLIX RIBEIRO 319

Effective implementation of ocean policies in the coastal zone

THOMAS C. MALONE 323

GOVERNANÇA DOS OCEANOS

Os Açores na charneira marítima entre o velho e o novo continente

FREDERICO CARDIGOS 333

Narrativas atlânticas

CARLOS GASPAR 337

Autoridade do Estado no mar

FERNANDO DE MELO GOMES 347

Mar: uma nova economia e um novo conceito estratégico para Portugal

JOSÉ POÇAS ESTEVES 353

O futuro sustentável dos oceanos: fomentar o crescimento económico sem deteriorar o ambiente

TIAGO PITTA E CUNHA 365

A SÓS COM O MAR

Mar: um sonho tornado realidade

GENUÍNO MADRUGA 375

Passion and commitment

RICARDO DINIZ 381

NOTAS FINAIS

Estado, região e zonas sobrepostas

PEDRO CATARINO 385

Os Açores pretendem nova relevância estratégica

ANDRÉ BRADFORD 393

Do fascínio pelo Novo Mundo às realidades actuais

MÁRIO MESQUITA 397

AGRADECIMENTOS 403

PREFÁCIO
*O mar como âncora do conhecimento
e do desenvolvimento*

MARIA DE LURDES RODRIGUES*

As edições anteriores do Fórum Açoriano Franklin D. Roosevelt foram dedicadas quase exclusivamente ao debate sobre as relações transatlânticas, nas perspectivas histórica e política.

Desta vez, introduziu-se um foco temático e uma nova perspectiva. O tema é o mar na perspectiva da ciência e do conhecimento. O mar não é apenas um traço da nossa história e da nossa geografia. A nossa relação com o mar, a forma como o olhamos e percebemos não podem ser apenas raízes que influenciam a literatura, a cultura e a nossa identidade colectiva.

Os oceanos e o mar representam um recurso potencial, sobretudo se a âncora for o conhecimento científico. Representam uma oportunidade de futuro e de desenvolvimento. E hoje, mais do que nunca, precisamos de nos concentrar numa ideia de futuro, numa ideia de desenvolvimento para o país. Precisamos de nos concentrar na resolução do nosso principal problema: défice de crescimento económico e défice de desenvolvimento.

Ora, o crescimento económico não é concebível sem uma aposta continuada e perseverante na qualificação dos recursos humanos, na ciência e no conhecimento. A qualificação dos recursos humanos e o conhecimento científico são os ingredientes necessários e essenciais para enfrentar o futuro.

A aposta na qualificação dos recursos humanos é decisiva para aumentar a produtividade, competir internacionalmente, subindo na escala de valor, e elevar a capacidade de exportar, de criar emprego, de criar e distribuir riqueza. O país conseguiu, nesta matéria, progressos extraordinários, que se observam no número de portugueses com ensino secundário ou com ensino superior, mas também no número

* Presidente da Fundação Luso-Americana.

de doutorandos e jovens investigadores envolvidos em actividades de investigação. É necessário continuar este esforço e este investimento para enfrentar o futuro, para ultrapassar o défice de crescimento económico. É necessário continuar, sem hesitações, a apostar na qualificação dos recursos humanos em todos os níveis, áreas disciplinares e sectores de actividade.

O conhecimento científico é o outro ingrediente indispensável à resolução dos nossos problemas.

Qualquer processo de desenvolvimento e crescimento económico exige uma base sólida de ciência & tecnologia, instituições científicas internacionalizadas, capazes de atrair jovens de todo o mundo, abertas e autónomas, concentradas na produção de conhecimento, atentas à agenda científica, mas também à agenda dos problemas sociais e económicos.

Apesar de todas as crises, o progresso científico prossegue e acelera. Também em Portugal.

Nos últimos anos, em matéria de ciência & tecnologia e conhecimento científico, o país progrediu muito, inclusivamente no que respeita às ciências do mar.

Em 1987, foi publicado um pequeno livro intitulado *Perfil das Ciências do Mar em Portugal*. Resultou de um trabalho coordenado pelo Dr. Mário Ruivo — cientista militante e político persistente pela causa do mar. Tratava-se da primeira sistematização de todos os recursos existentes ou necessários para o desenvolvimento científico e económico deste campo. Nele se revelavam as debilidades do país, mas também uma grande ambição para o futuro. Foi há muito tempo e, depois disso, percorreu-se um longo caminho, tanto no campo científico, como no campo político. Temos hoje, como resultado de políticas públicas continuadas, mais cientistas, mais projectos, mais centros de investigação, mais conhecimento, e estamos, simultaneamente, mais autónomos e mais integrados internacionalmente.

Estamos hoje, também, muito mais atentos ao enorme potencial contido no mar e nos oceanos, e mais conscientes das ameaças que sofrem e dos riscos que enfrentam.

Estamos conscientes, nesta área mais do que noutras, de que são necessários a cooperação internacional e o desenvolvimento científico para concretizarmos a ambição associada ao mar.

Estamos mais conscientes da necessidade de fazer um bom uso do conhecimento científico na resolução dos nossos problemas, mas também de que poderemos dar um contributo para a resolução de problemas globais, como os do clima e do ambiente, que afectam toda a humanidade.

Olhar para o mar numa perspectiva de futuro implica pensar o mar como objecto de investimento,

exigente do ponto de vista da ciência & tecnologia,
exigente do ponto de vista dos recursos humanos,
exigente na colaboração internacional (europeia e transatlântica),
exigente na ambição.

Olhar para o mar numa perspectiva de futuro e com ambição é olhar para os progressos alcançados e prosseguir o árduo caminho do investimento em mais competência, mais conhecimento e mais informação.

Olhar para o mar como uma ideia de futuro é continuar o árduo caminho de identificar oportunidades de colaboração entre pessoas e instituições de diferentes países, provenientes de diferentes campos profissionais e disciplinares do mundo da ciência, do mundo económico e do mundo da política.

Na história internacional recente, a única crise comparável à que actualmente vivemos foi a de 1929. Franklin Roosevelt, que justamente hoje evocamos, respondeu a essa crise, lançando o New Deal.

Também hoje necessitamos de uma resposta que relance a economia e nos permita continuar a resolver os problemas sociais decorrentes das várias desigualdades.

Ter objectivos, ambição, ideias de futuro, recursos humanos qualificados, competências, conhecimento e informação científica é essencial para superarmos o nosso principal problema de défice de crescimento económico e de desenvolvimento.

Não serão os únicos ingredientes necessários, mas são indispensáveis. E sabemos hoje que estão ao nosso alcance. Porque, na realidade, uma parte do caminho já foi por nós trilhado.

INTRODUÇÃO

Horta: a cidade celebrada no «Fourth of July»

JOÃO CASTRO*

O Fórum Franklin Delano Roosevelt é um momento de reflexão, muito aguardado, no âmbito das relações geoestratégias e geopolíticas, entre os Açores e a América, desta feita subordinado ao tema «O mar na perspetiva da história, da estratégia e da ciência».

O Atlântico, naturalmente, tem sido palco das relações euro-americanas, em que os Açores têm assumido uma importância política e estratégica evidente, que o Presidente Franklin Delano Roosevelt refletiu e protagonizou na sua abordagem às questões suscitadas pelo posicionamento geográfico das ilhas açorianas.

A ilha do Faial e a cidade da Horta constituem um exemplo deste contexto, intersetando o seu percurso enquanto «porto de abrigo» e de paragem.

Desde o século xv que, na Horta, se cruzam as longas viagens oceânicas. Na chamada «volta do largo», os navegadores vindos do hemisfério sul ou das Caraíbas cruzavam o Atlântico um pouco a norte dos Açores, descrevendo um largo arco para evitar a zona central, aproveitando os ventos e correntes favoráveis, rumo à Europa.

Esta rota faz cruzar com a Horta, por exemplo, Martinho da Boémia, construtor do primeiro globo terrestre, que aqui viveu e que em 1496 se casou, na Ermida de Santa Cruz, com Joana de Macedo, filha do primeiro capitão-donatário, o flamengo Joss Van Hurter.

Essa rota também faz despertar uma intensa atividade comercial, destacando-se a presença, na ilha do Faial, de várias gerações da família Dabney, que, com John Bass Dabney — primeiro cônsul americano nos Açores —, aqui se instalou, marcando fortemente a vida cultural e económica faialense ao longo do século xix.

* Presidente da Câmara Municipal da Horta.

Não é pois de estranhar que, na sequência da importante atividade decorrente das inúmeras baleeiras dos Estados Unidos, bem como de várias pragas que assolaram os cultivos e atingiram a economia destas ilhas, ou mesmo, já no século xx, da erupção do vulcão dos Capelinhos, tenham sido os Estados Unidos o local privilegiado para a vasta emigração verificada.

A intensa atividade de apoio à navegação, na área das telecomunicações, e, a partir de 1893, as ligações dos cabos submarinos, as incursões aéreas na travessia do Atlântico, ou mesmo os primórdios do que hoje conhecemos como a aviação comercial transformam também a Horta num polo de atração, projetando-a enquanto cidade cosmopolita, para onde confluem pessoas de todo o mundo.

É pois nesta dimensão, de inter-relação, que Franklin D. Roosevelt interpreta a relevância da Horta, quer aquando da sua visita aos Açores em 1918, na qualidade de secretário adjunto da Marinha, quer mais tarde, já na qualidade de Presidente dos Estados Unidos da América, quando alude à posição estratégica dos Açores para os planos de defesa norte-americanos, e quando, no âmbito do pensamento de uma nova ordem política mundial no pós-guerra, refere a Horta para a instalação da sede das Nações Unidas, com o objetivo de potenciar a cooperação entre países livres.

Se o porto da Horta foi visto, no passado, como uma infraestrutura onde se julgava possível que operassem as maiores esquadras, hoje, é com alguma naturalidade que encaramos a náutica internacional como uma grande oportunidade e reforçamos as condições de excelência da centralidade da ilha, no contexto transnacional, em matéria de assuntos do mar.

É neste contexto que, hoje, a Horta se afirma como cidade marítima e atlântica, contando com um importante contributo da Universidade dos Açores, com um trabalho notável da parte do Departamento de Oceanografia e Pescas, que nos tem colocado o desafio permanente da redescoberta das oportunidades do mar, ou mesmo com o funcionamento dos departamentos regionais que se têm ocupado desta temática.

Neste pressuposto, instituímos, a nível local, a Comissão Municipal para os Assuntos do Mar, no reforço desta vocação, fazendo refletir na dimensão concelhia um sentido estratégico para os assuntos do mar.

Curiosamente, também a cidade da Horta celebra o seu aniversário de elevação a cidade no «Fourth of July», dia da independência

dos Estados Unidos, num relato de particular cooperação atlântica, decorrente da causa liberal, na reedificação de Portugal.

Não poderíamos concluir sem deixar uma palavra de agradecimento à FLAD e ao Governo dos Açores pela organização do presente Fórum, pela pertinência da sua temática, bem como a todos os oradores pelo seu contributo para o conhecimento, para a estratégia e para ciência nas relações transatlânticas.

Uma palavra de apreço também à família de Roosevelt, que já nos deu o prazer da sua visita, pela sua simpatia e pela sua memória.

Aos participantes, bom colóquio, boa estadia e bom passeio por uma das mais belas baías do mundo.

ultrapassados por novas descobertas tecnológicas, se traduziram em compreensível declínio. Santa Maria, grande entreposto da aviação comercial na década de 1950, também sofreu consequências negativas com o advento da era do jacto, quando se tornou dispensável o abastecimento de combustível dos aviões na travessia do Atlântico Norte.

Estes acontecimentos históricos mostram-nos que o desenvolvimento destas ilhas não pode ser construído apenas com base em factores exógenos e mutáveis, insusceptíveis de serem controlados no plano nacional ou regional. Tão pouco podemos negar as evidências — positivas ou negativas — resultantes do desenvolvimento tecnológico.

A Horta do século XIX deixou-nos uma imagem luminosa e cosmopolita. Talvez ninguém como Júlio de Castilho a tenha descrito de forma tão brilhante³. Desde o tempo dos Dabneys aos nossos dias, o Faial atravessou épocas de prosperidade e de declínio, por vezes resultantes de mudanças exógenas ou de transformações tecnológicas. Assim se compreende que tenha permanecido, a par do interesse pelas questões estratégicas, o espírito de abertura ao exterior, ao convívio com pessoas de outras paragens do mundo e, em especial, ao que era designado no século XIX pelo Novo Mundo, o mundo da América do Norte. Este III Fórum Açoriano Franklin D. Roosevelt integra-se nessa tradição açoriana e faialense que não se pode perder.

AGRADECIMENTOS

Cabe-nos, em primeiro lugar, agradecer ao Governo Regional dos Açores, que desde o primeiro momento se associou à FLAD e apoiou o Fórum Açoriano Franklin D. Roosevelt, criado em 2008, com uma periodicidade bienal, como um ponto de encontro transatlântico. Merece referência especial Carlos César, Presidente do Governo Regional dos Açores à data do Fórum, pela disponibilidade e prestimosa colaboração.

O nosso muito obrigado também a André Bradford, na ocasião Secretário Regional da Presidência, e a João Castro, presidente da Câmara Municipal da Horta, que nos acolheu no emblemático Teatro Faialense.

Registamos com grande apreço a participação de Frederic Delano Grant, sobrinho-bisneto do Presidente Franklin Delano Roosevelt, reiterando a já habitual presença de um elemento da família do antigo presidente dos Estados Unidos da América. Igualmente se refere e agradece a colaboração de Cynthia Koch, antiga directora da Biblioteca Presidencial Franklin D. Roosevelt, presente desde o primeiro encontro, e cuja colaboração se tem revelado essencial.

Agradecemos a todos os participantes — nacionais e norte-americanos — universitários, diplomatas, políticos, militares e tantos outros que intervieram activamente neste fórum. Naturalmente, assumem particular relevo, pelo seu peso institucional e simbólico, o representante da República, Pedro Catarino; o Secretário de Estado do Mar, Manuel Pinto de Abreu; o então comandante da Zona Marítima dos Açores, António Mendes Calado; e o vice-presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, Jorge Costa Pereira. Um agradecimento à Universidade dos Açores, representada não só pelo seu reitor, Jorge Medeiros, mas por muitos dos seus investigadores e professores.

³ Júlio de Castilho, *Ilhas Occidentales do Arquipélago dos Açores*, Lisboa, David Corazzi, 1886.

O embaixador de Portugal em Washington, Nuno Brito, não podendo participar nos trabalhos, deu-nos uma preciosa colaboração.

Dirige-se uma nota especial às pessoas que nos acompanharam nos três congressos — Ponta Delgada, em 2008; Angra, em 2010 e este da Horta, em 2012 —, nomeadamente Álvaro Monjardino, que é sempre um prazer e uma honra ter connosco; Carlos Gaspar, investigador do IPRI, que teve uma acção importante no aconselhamento da elaboração dos programas; Luís Andrade, pró-reitor da Universidade dos Açores, com uma longa experiência na área das relações internacionais; e Ricardo Madruga da Costa, historiador e presidente do Conselho Geral da Universidade dos Açores e dirigente do Núcleo Cultural da Horta.

Também à SATA o nosso reconhecimento pelo contributo indispensável, possibilitando a vinda dos participantes ligados às comunidades luso-americanas da Califórnia.

Da Fundação Luso-Americana, agradecemos o apoio imprescindível da presidente, Maria de Lurdes Rodrigues.

O contributo de Charles Buchanan foi fundamental para a organização deste fórum, tarefa muito facilitada pela experiência e pelo legado do trabalho que tem desenvolvido ao longo de muitos anos na FLAD. Em áreas de acção como Portugal e a sua nova estratégia marítima; a perspectiva global da governança dos oceanos; a cooperação internacional nas áreas da investigação marinha.

Ainda da Fundação, refira-se o trabalho de apoio dos directores Miguel Vaz e Paulo Zagalo e Melo, e, em especial, sublinhe-se o trabalho exaustivo de Paula Vicente, grande impulsionadora desta terceira edição do Fórum Roosevelt. Registe-se também a colaboração de Sara Pina, editora da revista *Paralelo*; Ana Maria Silva, da LPM, que tem assegurado a ligação à comunicação social; e reitera-se o nosso obrigado a todas as pessoas do Governo Regional, nomeadamente a Mónica de la Cerda.

Para a realização desta iniciativa, foram importantes outras pessoas ligadas à Fundação, nomeadamente, nos Estados Unidos, Tony Goulart e Frank Sousa e, em Lisboa, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, a diplomata Manuela Bairos, açoriana e faialense.

Foi possível reunir neste livro a quase totalidade das comunicações proferidas no Fórum. Optou-se por publicar os textos na língua original das intervenções, retirando-se as marcas de oralidade e respeitando a opção de cada autor relativamente à utilização do novo acordo ortográfico.

Mais uma vez, esta terceira edição do Fórum Roosevelt resultou da colaboração e do envolvimento da FLAD e do Governo Regional dos Açores, mas foi sobretudo possível graças aos contributos dos participantes. Sendo este um encontro bienal, esperamos que, tal como anunciado, o próximo Fórum decorra em 2014, se possível na ilha do Pico.

ESTA EDIÇÃO DE

**O MAR
NA HISTÓRIA,
NA ESTRATÉGIA
E NA CIÊNCIA**

FOI COMPOSTA EM CARACTERES
HOEFFLER TEXT E IMPRESSA NA
GUIDE, ARTES GRÁFICAS, SOBRE
PAPEL CORAL BOOK DE 90 GRAMAS,
EM JULHO DE 2013.



